

**FACULDADES INTEGRADAS REGIONAIS DE AVARÉ**

**Licenciatura em História**

***O Rock n' Roll avareense das décadas de 1980 e  
1990***

***Victor da Silva Borges***

**Avaré  
2017**

**FACULDADES INTEGRADAS REGIONAIS DE AVARÉ**  
**Licenciatura em História**

**O *Rock n' Roll* avareense das décadas de 1980 e 1990**

***Victor da Silva Borges***

***PROF<sup>o</sup>. MSc. Paulo Pizigatti***

**Trabalho apresentado como exigência  
parcial para obtenção do grau de  
graduado em História**

Avaré  
2017

Victor da Silva Borges

**O Rock n' Roll avareense das décadas de 1980 e  
1990**

COMISSÃO EXAMINADORA

---

---

---

Avaré, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

**Borges, Victor da Silva.** O Rock n' Roll Avareense das décadas de 1980 e 1990, 2017. 32f. Monografia (Licenciatura em História) – Faculdades Integradas de Avaré. Avaré, 2017.

## **RESUMO**

*Esse artigo tem o intuito de elucidar uma época onde a música esteve intimamente ligada com a dinâmica social e com os processos históricos, o rock sendo o porta voz de uma geração, ilustra os sentimento das pessoas que viveram e sentiram cada inspiração de seu momento de auge e juventude, com a vontade de ver a realidade melhorar mesmo com um futuro incerto das décadas de 1980 e 1990. A música estabelece valores dentro dos indivíduos que tecem a nossa sociedade e estudar esse tipo de história é essencial para entender alguns processos históricos.*

**Palavra-Chave:** Rock n' Roll Avareense, História da Música, História Cultural.

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>2. Uma breve história do rock nacional .....</b>	<b>8</b>
<b>3. O contexto musical de Avaré nos anos 1980 .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1 A Fampop.....</b>	<b>13</b>
<b>4. O Rock Avareense .....</b>	<b>14</b>
<b>4.1 A relação do rock avareense com a Fampop.....</b>	<b>16</b>
<b>5. Considerações Finais .....</b>	<b>17</b>
<b>Referências Bibliográficas: .....</b>	<b>18</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>19</b>
<b>ANEXO B.....</b>	<b>21</b>
<b>ANEXO C.....</b>	<b>22</b>
<b>ANEXO D.....</b>	<b>25</b>
<b>ANEXO E.....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXO F .....</b>	<b>30</b>

## 1. Introdução

No período entre 1978 a 1989 o Brasil foi marcado pelo gradativo e lento processo de redemocratização da política, que vinculada às ações econômicas incompetentes por parte do governo militar com o nomeado “milagre econômico” que acelerou a inflação em meados dos anos de 1970, levou setores da sociedade civil a apresentarem descontentamentos para com o regime vigente. Era o início do enfraquecimento do regime militar no Brasil (BUSCÁCIO, 2016).

O enfraquecimento do poder do regime e a posterior queda do AI-5 levaram para a sociedade civil certa liberdade política (BUSCÁCIO, 2016). Desta maneira, as expressões jornalísticas e artísticas ficaram isentas de repressões violentas de outros tempos. No início dos anos 1980, emergiram das mídias um estilo novo de fazer *rock n’ roll* pautado no do “*it yourself*” ou “faça você mesmo”, era o *punk rock* que se manifestava não apenas na musicalidade, mas também na estética e no modo de pensar dos jovens (ENCARNAÇÃO, 2009).

Essa conjuntura de liberdade presumida e surgimento desse movimento musical mais expressivo formaram um campo fértil para a formação do novo rock brasileiro, as letras com questões adolescentes, nihilistas e de protesto indicavam que esse novo estilo estava além da musicalidade e da estética. Era a voz da juventude em razão da sua falta de expectativas. Como diz Cazuza (1988) em uma de suas canções: “Eu vejo um futuro repetir o passado/Eu vejo um museu de grandes novidades/O tempo não pára”.

O rock dessa época era feito por músicos que conseguiram espaço midiático, o papel das grandes produtoras como Warner, PolyGram, RCA, EMI-Odeon, Som Livre e BMG foram preponderante para o lançamento dos LP’s roqueiros (DAPIEVE, 2000). Mais importante que as gravadoras para divulgação do *rock* foi a Rádio Fluminense FM, cuja programação musical era repleta desse estilo musical seja de âmbito internacional ou nacional. E era através dessa rádio que os jovens de classe média urbana do Rio de Janeiro entraram em contato com o *punk rock* da época, e alguns começaram a produzir suas músicas que mais tarde se popularizaram nas rádios e nas emissoras de televisão do Brasil.

Foi nessa esfera que o objeto desse artigo começou a se desenvolver, o *rock* avaréense. Avaré é uma cidade do interior do estado de São Paulo, com população

de 88.938 habitantes (IBGE, 2016), sua economia concentra-se na produção de bens agrícolas e de serviços, no campo da cultura se destaca o festival da Fampop que compreende a apresentação de músicos de MPB, em sua maioria, sendo de grande importância para os músicos da cidade, conseqüentemente para os roqueiros das décadas de 1980 e 1990. A mídia avareense era composta majoritariamente por rádios AM, mas no final dos anos 1970 houve o desenvolvimento das rádios FM, cuja programação era preenchida com as músicas de grande sucesso na época, incluindo as feitas pelos roqueiros cariocas, como Blitz e Barão Vermelho.

Considerando os aspectos percorridos anteriormente sobre o vínculo do rock com os desdobramentos políticos do período e a sua conseqüente influência sobre a cidade de Avaré, pode-se ponderar que a presença do rock na cidade reflete os acontecimentos ocorridos no âmbito nacional, observando os preceitos divulgados e absorvidos pela juventude da época através da música.

Diante disso o objetivo central desse artigo é registrar a formação e desenvolvimento das bandas que tocavam *rock n' roll* na cidade de Avaré, tendo como metodologia entrevistas abertas com participantes do movimento como os músicos, jornalistas e produtores musicais do período estudado, bem como a utilização de jornais e discos da época.

## 1. Uma breve história do rock nacional

Foi através de uma música da trilha sonora do filme "*The Blackboard jungle*", "*Rock Around the clock*" de *Bill Haley and His Comets* que o rock chegou ao Brasil, e agitou o imaginário jovem, pois o filme em questão retratava as relações conturbadas entre um adolescente e sua escola em Nova York, daí o início da relação entre o rock e a juventude no Brasil. No primeiro momento surgiram intérpretes como Cauby Peixoto e Nora Ney com as versões "Rock and Roll em Copacabana" e "*Rock around the clock*" respectivamente (DAPIEVE, 2000). Há também, nesse primeiro momento, a formação da banda Betinho e Seu Conjunto (1953), apesar de seu ecletismo - ter em seu repertório músicas voltadas para o Jazz, Blues e ritmos caribenhos, como o Mambo e a Salsa - é considerada a

primeira banda de rock brasileira, por conta de músicas como “Enrolando o Rock” (1957) e “Rock no Galinheiro” (1959).

Denominado “Jovem Guarda”, o segundo movimento roqueiro se preocupava em dar aos seus ouvintes interpretações de hits internacionais por artistas brasileiros, como no caso de Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderléa, entre outros, além das bandas Os Incríveis e Renato e Seus Blue Caps. Antes desses artistas já aparecia no contexto do final dos anos 1950 cantores como Celly Campelo e Sérgio Murilo com as famosas versões “Estúpido Cupido”, “Broto Legal” respectivamente (SEVERIANO, 2008). Os ritmos e melodias eram copiados de outros sucessos internacionais e o trabalho do roqueiro da jovem guarda era o de colocar letras em português para acompanhar tais ritmos, criando assim, versões. Esse movimento foi alavancado pela mídia televisiva, sobretudo pela Record, que ao perder a concessão dos jogos de futebol, colocou o programa jovem-guarda como “tapa buraco” da programação (SEVERIANO, 2008). Também vale ressaltar que a jovem guarda possuía um cunho de alienação da juventude, uma vez que em sua época de auge ocorriam inúmeras mudanças no cenário político brasileiro com o golpe militar de 1964 e o teor das letras, até por conta da idade de seus participantes, não possuía nenhuma alusão a tal importante processo político, se atendo apenas a composições sobre a vida dos jovens das classes médias urbanas, como festas e namoros.

Em um terceiro período, já no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, apareceriam arranjos mais complexos, psicodélicos e originais que o primeiro, logo que as músicas eram baseadas nos estilos de fora e não tinham a melodia de uma música estrangeira com letras em português. Juntavam aspectos do rock internacional com musicalidades e instrumentos genuinamente brasileiros, como no caso da música “Guitarras” da banda O Terço onde foi colocado, além da guitarra, baixo e bateria, a cuíca. Assim surgiram, nesse cenário, músicos como Raul Seixas e bandas como Os Mutantes, O Terço, Terreno Baldio, Casa das Máquinas, Som Nosso de cada dia, Bacamarte, Joelho de porco, Ave Sangria, entre outras. Contudo esse momento psicodélico/progressivo do rock brasileiro não teve, entre outras coisas, apoio midiático, como seus colegas da década passada, e ofuscados pela excessiva atenção midiática à MPB, muitas bandas caíram no ostracismo.

A quarta leya de roqueiros brasileiros se deu nos anos 1980 - foco dessa análise -onde a MPB já dominara, quase totalmente, o cenário musical do país. Como coloca Dapieve (2000, p.23) "O roqueiro que abria o "Jornal do Disco" encartado na revista "Som Três" de janeiro de 1980 tinha vontade de dar um tiro na cabeça". Com essa afirmativa, o autor quis dizer que não havia atenção da mídia para o rock, até porque o mesmo não tinha se reciclado no Brasil, o ritmo vivia na penumbra das bandas já citadas no parágrafo acima. A partir disso, pode-se afirmar que o rock brasileiro coexistia em quanto ritmo musical e essa condição só iria mudar a partir do momento em que novos ritmos mais pesados vindos da Inglaterra reciclassem o estilo musical no país.

O *Punk rock*, estilo agressivo que combina arranjos simples e letras de fácil aceitação pelo público jovem, voltadas à desobediência civil e às questões políticas, além de um vestuário irreverente, como o uso de cabelos pintados e roupas rasgadas, foi o grande responsável pela mudança da atitude roqueira no Brasil. Não foi o único estilo influenciador, ele apenas abriu as portas para a reciclagem do rock nacional, é importante considerar a presença de ritmos como o *reggae*, *post-punk* e *new wave* (os dois últimos são apêndices do próprio punk) na formulação do *rock* dos anos 1980.

O rock de 1980 se desenrolou em meio a pequenos bares e casas noturnas situadas no eixo Rio-São Paulo, e, por menores que fossem os espaços, serviam de reduto dos roqueiros "oitentistas" (Dapieve, 2000), até porque a juventude costumava a freqüentar tais lugares em busca de socialização e diversão. A casa noturna que teve presença preponderante nesse processo foi o Bar Caribe, inaugurado no dia 21 de fevereiro de 1981, no Rio de Janeiro que deu espaço para muitas bandas tocarem, inclusive a Blitz, banda que alavancou o rock nacional nas rádios e fez com que o rock voltasse às paradas de sucesso, que começou sua caminhada por lá. Além do Caribe existia o Western Club e Noites Cariocas, importantes centros de encontro dos roqueiros, que foram responsáveis pelas apresentações dos iniciantes Paralamas do Sucesso e Barão Vermelho (Encarnação, 2009). Em São Paulo, as casas noturnas de sucesso eram o Espaço Retrô, Cais, Val Improviso e Pierrô Lunar, lugares que lançaram ao público Titãs, Ultrage a Rigor e Ira!.

As casas noturnas foram ficando cada vez menores na medida em que o estilo foi se popularizando durante a década. Com isso, tais casas noturnas deram lugares as chamadas "casas de rock" que serão chamadas num momento seguinte de "danceterias", lugares bem maiores que as antigas casas noturnas. Os estilos variavam de casa para casa, mas o rock e o *new wave* eram de praxe em todas, sendo que o novo estilo (*new wave*) tinha como característica a dança, sendo assim, como o nome sugere, danceteria servia para a juventude gastar sua energia nas pistas de dança. Mas com tudo isso, as bandas de *rock* não tinham se profissionalizado ainda, e tal processo de profissionalização fará com que a demanda por lugares cada vez maiores e aparelhagens mais complexas e maiores cachês aumentasse, dando certo abandono às danceterias e se voltando aos grandes palcos, como o do Circo Voador, no Rio de Janeiro (Encarnação, 2009).

O Circo Voador foi o divisor de águas do *Rock* nacional, uma vez que seu intuito foi o de propagar a cultura e a expressão artística (Dapieve, 2000). Foi nesse espaço que o *rock* teve seu centro, fazendo com que os músicos de diversos lugares se apresentassem ali, na cidade do Rio de Janeiro. Já não bastasse a criação desse "centro cultural", foi criada a rádio Fluminense FM que tinha como base da programação o próprio *rock* e junto ao Circo Voador fez com que o *rock* se espalhasse por todo o território, visto que a partir daí surgirão mais rádios FM's com teor *rock n' roll* em todo o Brasil, impulsionado pela política de mídia do então presidente Sarney, onde foram dadas muitas concessões de rádio e isso foi um dos fatores determinantes para a propagação do estilo musical no país (Encarnação, 2009).

Encarnação (2009) afirma em sua tese de mestrado que o *rock* nacional dos anos 1980 é fruto de um contexto favorável para seus jovens realizadores, por esses possuírem recursos culturais, sociais e econômicos fundamentais para o desenvolvimento desse ritmo musical, como por exemplo, o acesso a essas tendências do exterior através de viagens, e consumo de revistas e discos importados, coisas restritas à maior parte da população. Pode-se citar, como exemplo, o fato de Cazuza ter morado na Califórnia e na Inglaterra. Essas experiências permitiram aos jovens a assimilação dos novos valores e tendências do *rock* e com isso a mudança de rosto do *rock* brasileiro. Além do acesso aos valores

e tendências, há também a interação entre esses jovens que contribuía para os experimentos desses novos ritmos assimilados.

Embora o *rock* fosse feito, primeiramente, por jovens de classe média alta urbana e atingisse a classe média baixa urbana, o som mais assimilado por eles, principalmente em razão de suas condições sociais, foi o *Punk rock*. Bandas como Resto de Nada, Cólera, AI-5, Garotos Podres e Ratos de Porão, surgiram nesse contexto de protesto, num momento político conturbado e sem esperança para a população mais pobre e trabalhadora (ENCARNAÇÃO, 2009).

O foco desse artigo, o *rock* de Avaré, está envolto do contexto da terceira e quarta gerações, sem falar nas influências internacionais, como bem colocado pelos entrevistados, a terceira geração foi de extrema importância para os músicos avareenses logo que edificou o início do *rock* "oitentista" avareense, até por um certo atraso de informações, e por sua vez o *rock* avareense de 1990 irá se influenciar muito pela quarta geração do *rock* nacional.

## **2. O contexto musical de Avaré nos anos 1980**

No início da década de 1980, Avaré possuía cerca de quarenta mil habitantes, quase metade do que tem hoje. O cenário pacato e provinciano aparente da cidade não revela o potencial cultural que nela se encontra. Artistas de diversos gêneros sempre floresciam nessa cidade do novo oeste paulista sem que muitos pudessem saber e apreciar suas obras e isso incluía os músicos.

Grupos autorais voltados para a MPB, choro e sertanejo sempre mantiveram suas raízes e outros ritmos como o *rock* ainda não estavam em pauta. Existiam grupos como o Grupo Avaré e Fruto Primeiro que representavam a MPB na cidade, porém a segunda já flertava com os acordes do *rock* progressivo.

Contudo, grande parte das bandas avareenses era de baile e tocavam o que mais fazia sucesso na época e por essa razão não faziam músicas autorais. Eram bandas típicas dos jantares dançantes, encontros onde as pessoas da região gostavam de ir, e um baile dançante necessita de música então eram chamadas, tendo com exemplo as bandas: The Messangers, The Victors, The Stromppers e Os Liberais. Animavam os salões de Avaré e região. Como diz o músico e professor Benê:

[...]comecei a tocar em 1973 numa banda de baile, que tocava de tudo, como sertanejo, que sempre fez sucesso, mas também *rock* como o do O Terço, Casa das Máquinas e jovem guarda[...].Tocávamos na região toda, em Cerqueira, Itai, Itararé, Taquarituba e em todos esses lugares o pessoal gostava de nossas músicas.(ANEXO B - História do Rock Avareense)

Isso indica que Avaré tinha uma forte importância musical, no que diz respeito, a formação de bandas que levava os ritmos famosos da época para as outras cidades, sendo assim um centro influenciador da arte musical na região.

### 3.1 A Fampop

Nesse contexto, ainda no início dos anos 1980, surgiu a Fampop (Feira Avareense de Música Popular) idealizada pelos músicos e apreciadores da música Juca Novaes, Clóvis Guerra, Paulo Guazzeli, Fábio Correa Martins, entre outros. Em julho de 1983 foi realizada a primeira Fampop na sede social do clube Centro Avareense. (Morgato, 2015)

O festival mudou a perspectiva dos músicos avareenses, logo que a partir desse momento eles começaram a possuir uma vitrine para que seu trabalho fosse divulgado fazendo com que não só a população de Avaré, mas da região, pudesse apreciar os talentos musicais que estavam, até então, escondidos do público, até por conta da carência midiática da região onde os artistas se apresentavam somente para grupos específicos de música dentro da cidade, sem divulgação.

Segundo Clóvis Guerra, a Fampop seria um festival de música como outro qualquer, pois nessa época existiam muitos festivais pelo país, mas os festivais sempre possuíam algum empecilho, como uma acústica ruim, uma saída de som abafada, luzes desordenadas, ou seja, os festivais nunca poderiam ser apreciados em sua plenitude. Então os jovens engajados e apoiados pelo prefeito da época, que era pai de Juca, o Dr. Paulo Dias Novaes que conseguiu o patrocínio da Melitta do Brasil, montaram a Fampop. Assim com uma boa organização, uma boa estrutura e um prêmio para o vencedor, o festival obteve grande sucesso entre o público, crítica e reconhecimento nacional. (Morgato, 2015)

A Fampop permitiu um intercâmbio importante entre os artistas da cidade e os artistas de fora que vinham tocar. Artistas como Chico César, Lenine, Zeca Baleiro e outros grandes nomes da música brasileira no início de suas carreiras

tocaram na Fampop que por sua vez os projetou para a grande mídia, fazendo com que Avaré ficasse no mapa brasileiro da música.

### 3. O Rock Avareense

É correto dizer que o grupo Fruto Primeiro (banda formada no final da década de 1970) misturava composições de MPB com o *rock* progressivo, mas não eram conhecidos na região como banda de *rock*. O *rock* avareense começou a tomar corpo em meados da década de 1980, por volta de 1985, com bandas *covers* baseadas no *rock* clássico internacional e *rock* progressivo e psicodélico nacional da década de 1970.

Em 1984 surgiu a primeira banda de *rock* propriamente dito, o Sabotagem, que na verdade era um *Power Trio* formado pelo virtuoso guitarrista falecido Paulinho Gordo, Carlos e Fernando, o som deles era instrumental e de acordo com o estilo *heavy metal*, logo que eram baseados em *Black Sabbath*, *Led Zeppelin* e *DeepPurple*, porém eles eram uma banda de garagem e tocavam apenas como amigos. Sem ter feito apresentações a banda se desfez e deu origem a outras duas bandas que iniciaram de fato o rock da cidade, são elas a Ruínas de Pedra e Zona Proibida.

A banda Ruínas de Pedra era formada pelo guitarrista Paulinho Gordo, Marcio Sanches no baixo, Silvio Quartucci na bateria e Nenê Silva no vocal, tocavam um som "setentista" nacional de, por exemplo, Casa das Máquinas e Raul Seixas e internacional no estilo de *Deep Purple*, *Led Zeppelin* e *Nazareth*. Em paralelo vem a Zona Proibida, banda do guitarrista David que nasceu em São Paulo e quando chegou em Avaré causou uma certa divisão de águas no estilo quando montou banda então com Carlos e o Fernando, ex-integrantes da Sabotagem.

Após 1988, apareceram bandas como a Latitude Zero, que mudou seu nome para Latitude Sete, pois já existia outra banda de mesmo nome, com Nenê, ex-Ruínas de pedra e Du Javaro na guitarra e teclado. A Over-12 formada por Luiz Cunha no vocal, Osvaldo Oliveira e Kleber Daniel nas guitarras, Jefferson Souza no baixo e Marcos Orru na bateria, tocavam *Pink Floyd*, *Judas Priests*, *DeepPurple*, entre outras. Veio também a Objetivo Oculto liderada por Ronaldo Peres que posteriormente participou de outras bandas como a Australopithecus, Diletantes e Fratura Exposta. Havia também a banda Falange Vermelha, do guitarrista Bruca.

É interessante perceber que as bandas conviviam entre si, quando houve a divisão da Sabotagem foi quando iniciou o ciclo de bandas na cidade, pois foi a partir daqueles músicos que por sua vez se espalharam em diversas bandas, ampliando a variedade de bandas e da maneira de tocar o estilo. Já em meados da década de 1990 se ouvia bandas tocando desde o rock clássico e blues até o rock nacional da década de 1980.

Os roqueiros avareenses conviviam com a lentidão das informações, pois com a cidade sendo distante dos grandes centros urbanos, os discos demoravam para chegar nas lojas de músicas avareenses, sobretudo os estrangeiros, com isso os amantes do gênero possuíam uma espécie de retardo de influências em relação aos centros Urbanos. Como bem coloca Arena da banda Fratura Exposta:

[...]Era assim com todos, Led Zeppelin que lançava álbum na década de 1970 eu comprava no final dos anos 1980, era difícil de achar. A não ser pelo rock nacional que aparecia na TV, eu ficava até umas dez horas da noite na discoteca e voltava para assistir Perdidos na noite com meu pai, pois tocava Ultraje a Rigor, Legião Urbana, Paralamas. Os discos de rock internacional chegavam atrasados e do rock nacional eram mais fáceis de achar." (ANEXO D – História do Rock Avareense)

Em virtude dessa maior rapidez do rock nacional se infiltrar na cidade é que os roqueiros da década de 1990 junto com as bandas do final da década 1980 que continuaram em 1990 se espelharam, o rock clássico deu lugar a um rock menos pesado, não quer dizer que o rock clássico foi deixado de lado, como é o caso da banda Encruzilhada focada no rock clássico e blues, mas as bandas assimilaram outras referências, como no caso da Fratura Exposta, que juntou quase todos os aspectos do "rock nacional 80" com letras que vão do *punk* paulistano até Legião Urbana.

A década de 1990 foi muito fértil para o rock avareense, muitos encontros e festivais foram organizados e parte da trilha sonora era composta pelas bandas de rock, sendo elas autorais ou não. Como diz Kleber Daniel:

"Na Concha Acústica, tocamos em 1991 num evento chamado "Festival de Rock pela Paz Mundial", por causa da Guerra no Golfo Pérsico nossa Tocamos Over-12, Dilettantes e Objetivo Oculto. Quando Rogelio Barchetti era o Secretário da Cultura, no Largo São João teve um evento em 1990 do Dia dos Pais, tocamos também com outras bandas como a Latitude Sete e Asas do Destino." (ANEXO E – História do Rock Avareense)

As bandas, geralmente, eram *covers*, porém há a presença das bandas que possuíam projetos autorais, como a banda Asas do Destino (1987), a banda Gato

Preto (1988), a Objetivo Oculto (1988), a banda Fratura Exposta (1992) e banda Encruzilhada (1996).

As influências eram diversas, com posturas que iam do *heavy metal* inglês, *hard rock* e *blues* estadunidenses, *punk* estadunidense e inglês, bem como o *rock* brasileiro da década de 1980, representados, majoritariamente, pelos músicos de São Paulo e Rio de Janeiro.

#### 4.1 A relação do rock avareense com a Fampop

Um tanto confusa é a relação dos roqueiros avareenses com a Fampop, uma vez que existe certo receio por parte das bandas de rock, pois muitas músicas que os músicos roqueiros julgavam ser boas não passaram na seletiva municipal, segundo Chico Sant'Anna:

"Eu lembro a primeira vez que estávamos na Fampop, de quando o Juca Noaves não queria que nossa música passasse e isso gerou uma discussão com o Cláudio Guerra, que queria que nossa música entrasse. Enfim, subimos para assistir aos shows e na hora estava tocando um *manguebeat* com guitarras infernais, que beiravam ao Sepultura, eu cheguei do lado do Juca e disse: Nossa, que guitarra calma, não é? Ele olhou pra mim e disse: O que você quer dizer com isso? Eu disse que não quis dizer nada, só que a guitarra deles é calma e só a nossa era pesada, ele fez cara de quem não gostou e saiu. [...]" (ANEXO F – História do Rock Avareense.)

Por outro lado, Clóvis Guerra afirma que a Fampop nunca teve preconceito e que o festival é de música popular e não apenas de MPB, abrangendo também o rock cantado em português:

"A Fampop quando surgiu, eu sou um dos criadores, nós tiramos o nome de Festival de MPB, que era o rótulo de quase todos festivais no Brasil inteiro. Mas por que nós fizemos uma feira? Por que a gente iria abranger todos os estilos e todas as tendências da música brasileira, podia ser rock, pop, baião, axé, maracatu, toada, ou seja, tudo o que é cantado em português.[...]" (ANEXO C - História do Rock Avareense)

Essa rusga se fez desde a primeira eliminatória municipal, que para conseguir uma vaga na fase nacional do festival os ânimos se exaltaram, como diz Marcio Sanches:

"No início, era um festival pequeno e não tinha aquele lance de eliminatória municipal, então na quarta edição, época que começou a ter etapa municipal, a Ruína de Pedras mandou uma música de autoria de Paulinho Gordo chamada Rosa Azul. A música não foi pré-classificada, mas o Paulinho foi num jornal local da época e criticou bastante o evento, que depois da repercussão convidaram a Ruínas de Pedra para tocar, isso aconteceu por volta de 1987.[...]" (ANEXO A – História do Rock Avareense)

A partir disso, pode-se ver que a Fampop nunca teve um preconceito formal contra o rock, até por que a banda Encruzilhada de Chico Sant'Anna já participou do festival nacional por três vezes, sendo uma grande banda de rock no festival junto com a Fratura Exposta.

Além disso, diversas bandas de *rock* chegaram às finais do festival como, por exemplo, as bandas Fratura Exposta e Encruzilhada, onde, em 1994, a banda Fratura Exposta fez um show que ficou para a história do evento, com a música "Duas Almas" levaram o público ao delírio com uma atuação enérgica do vocalista Aleksandro, lembrando Renato Russo. Teve também a vitória da música "Reflexões Suburbanas" de um grupo formado pelos roqueiros: Guto Meixedo, Carlos e Fernando ex-Sabotagem.

As situações de bastidores podem trazer rugas através de meias palavras e olhares supostamente estranhos, mas o que pode ser observado é uma tensão gerada pela competitividade, pois os músicos avareenses possuem grande qualidade, então, alguns sentimentos podem ser despertados ao longo dos festivais, sendo que a diferença de musicalidade e de estilos possa servir de mote para tais sentimentos se manifestarem.

#### **4. Considerações Finais**

Decerto, o estilo *rock n' roll* participou de forma ativa na formação dos jovens das gerações de 1980 e 1990, e com isso criou valores nessas pessoas e através da memória delas foi possível traçar o percurso do estilo na cidade, bem como a formação de um movimento próprio e original, que foi além de suas dificuldades e influências.

Quanto ao *delay* sofrido por seus participantes, no início, é mais uma questão de estética e falta de recursos. Por ser uma cidade pequena o público roqueiro era reduzido, e com isso, as lojas de discos não se comprometiam em estar atualizadas quanto aos discos de *rock*. Com exceção da já extinta loja Norte Musical, cujo dono era Paulinho Gordo, uma das figuras centrais do movimento, que disponibilizava as músicas em forma de fita cassete, até por que grande parte dos consumidores do estilo não tinha recursos suficientes para comprar os LP's originais. Isso indica que essa loja teve um papel importante na divulgação do rock pela cidade.

Observa-se a grande importância da Fampop e outros eventos, como festas de moto clubes, para os roqueiros, pois era um incentivo para criarem e se aperfeiçoarem, deixando a cidade um lugar fértil para a criação musical como um todo, impulsionando os amantes do *rock* a fazê-lo.

Vale ressaltar, também, a presença das mídias televisiva e radiofônicas como a Rádio Avaré AM, cuja programação contava com *rock* desde a década 1970, sendo pioneira na transmissão do estilo na cidade e dos programas de TV que mostravam, principalmente, o *rock* brasileiro da década de 1980.

### Referências Bibliográficas:

- **BUSCÁCIO**, G.C. Entre lutas e protestos: a MPB e o rock nacional no contexto da redemocratização (1975-1985). In: **GRINBERG**, L.; **ARAÚJO**, M.P.N.; **QUADRAT** S.(Org.) 50 anos do golpe Debates discentes.PPGHISTÓRIA-UFF. Niterói-RJ. 2016. P.31-41. Disponível em: <[http://www.historia.uff.br/stricto/files/public\\_ppgh/cap\\_arquivo\\_0020.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/files/public_ppgh/cap_arquivo_0020.pdf)>.
- **DAPIEVE**, A. BRock: O rock brasileiro dos anos 80. Rio de Janeiro; Editora 34; 3ª Edição-2000.
- **ENCARNAÇÃO**, P. G. da; Brasil, mostra sua cara: rock nacional, mídia e redemocratização (1982-1989). Assis; Dissertação de mestrado, Programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Faculdade de ciências e letras de Assis; 2009. P. 30-61. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93362/encarnacao\\_pg\\_m\\_e\\_assis.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/93362/encarnacao_pg_m_e_assis.pdf?sequence=1)>.
- **MORGATO**, Helena Tristão. FAMPOP – O maior festival de MPB do interior,2015. 18f. Artigo (Licenciatura em História) – Faculdades Integradas de Avaré. Avaré, 2017.
- **SEVERIANO**, Jairo. Uma História da Música Popular Brasileira: Das origens à modernidade. Rio de Janeiro; Editora 34; 1ª Edição-2008.

**ANEXO A**  
**História do Rock Avareense**

**Entrevista com Marcio Sanches em 10-11-2017**

**Victor:** Como você descobriu o rock?

**Márcio:** As primeiras vezes que eu ouvi foi por conta do meu irmão, ele começou a levar discos pra casa e aí comecei a ouvir, e acabei gostando, eu tinha uns 12 anos. Antes eu só conhecia o que tocava nas rádios e na TV, não tinha uma preferência.

**Victor:** Qual estilo de rock que você ouvia?

**Marcio:** Os primeiros discos foram Queen, Kiss e ACDC, depois começou a aparecer *Led Zeppelin*, *Black Sabbath*, *DeepPurple*, basicamente *hard rock* dos meados da década 1970.

**Victor:** Quando você e sua banda começaram a tocar e quais eram as influências?

**Marcio:** Nós começamos em 1984, naquela época a galera era muito fã de *rock* internacional, e o nacional a galera não curti. E como éramos jovens e influenciáveis, nessa época de 1984 e 1985 eu era muito influenciado pelo *rock* internacional, *hard rock* dos anos 1980 e 1970. Não sofri muita influência do *rock* nacional da época, mas sim de Raul Seixas, Mutantes, Casa das Máquinas, bandas mais antigas, o pouco de nacional que o pessoal ouvia era dos anos 1970. A geração do *rock* nacional de 1980, como Barão, Paralamas, etc. Vão influenciar as bandas avareenses da década de 1990 que por conta do sucesso as pessoas ouvirão mais e por um motivo de mercado passamos a tocar e produzir músicas mais voltadas a esse *rock*. Não curtíamos o nacional, também, por uma questão ideológica, de rebeldia

**Victor:** O que motivou vocês a montar uma banda?

**Marcio:** Amor ao *rock n' roll* e depois, depois de um tempo algumas pessoas não se contentam em apenas ouvir, mas querem viver o *rock*. Comecei a curtir *rock*, queria

aprender guitarra e a comprei, comecei a fazer aula com o falecido Paulinho Gordo, que participou da primeira banda de rock da cidade da década de 1980, a banda Sabotage formada por ele, o Carlão e o Fernando, eram só os três, não tinha vocal e ficavam ensaiando na casa do Paulinho. Depois veio um cara de São Paulo, o Davi, que entrou na Sabotagem que se tornou Zona Proibida. Quando o Paulinho Gordo saiu da Sabotagem ele quis montar outra banda e me chamou para tocar baixo junto com o Silvio Quartucci e o Nenê, dando origem a Ruínas de Pedra. O Sabotage nem chegou a se apresentar, o Davi com o Zona proibida começou a se apresentar e depois nós nos apresentamos, a primeira vez que nos apresentamos foi no pátio do antigo colégio Sedes, em 1984. Depois vão aparecer a Fratura Exposta e Objetivo Oculto que mais voltados para o rock nacional de 1980.

**Victor:** O que a Fampop representou para o movimento na cidade?

**Marcio:** Como era um festival de MPB acabavam por apresentar vários gêneros, inclusive o rock, e nós não tínhamos a oportunidade de assistir shows ao vivo então íamos sempre para assistir o pessoal tocar.

No início, era um festival pequeno e não tinha aquele lance de eliminatória municipal, então na quarta edição, época que começou a ter etapa municipal, a Ruína de Pedras mandou uma música de autoria de Paulinho Gordo chamada Rosa Azul. A música não foi pré-classificada, mas o Paulinho foi num jornal local da época e criticou bastante o evento, que depois da repercussão convidaram a Ruínas de Pedra para tocar, isso aconteceu por volta de 1987.

Foi a partir da eliminatória avareense que as bandas se animaram para fazer música, e essas bandas não faziam apenas MPB, mas uma variedade de sons que incluía o rock e o blues. Incentivou não só as bandas, mas também os músicos solos que tinham na cidade.

**Victor:** As bandas avareenses se apresentavam em outras cidades?

**Marcio:** Na época era mais difícil, mas tinha algumas apresentações isoladas, não era sempre que chamavam. Nunca vi nenhuma outra banda da região se apresentando aqui, mas vi banda de Avaré se apresentando em outra cidade da região.

## ANEXOB

### História do Rock Avereense

#### Entrevista com Benedito Gomes (Benê) em 11-11-2017

**Victor:** O que te motivou a fazer música, o rock, e quando começou?

**Benê:** Minha raiz não é o rock, pois morava no sítio e ouvíamos Luiz Gonzaga, essas coisas. Aí eu vim pra cidade e comecei a me envolver com uns amigos daqui que curtiam, na época, *Beatles*, mas *Beatles*, com todo respeito, não é a minha banda e então conheci *Deep Purple* e *Pink Floyd*, tinham as outras bandas, mas as minhas preferidas foram essas. Na época, anos 70 e 80, a maioria das rádios tocava músicas estrangeiras então o rock estava em evidência, e eu que gostava muito disso quis começar a tocar, comecei a tocar em 1973 numa banda de baile, que tocava de tudo, como sertanejo, que sempre fez sucesso, mas também *rock* como o do O Terço, Casa das Máquinas e jovem guarda, mas jovem guarda é um *rock* mais leve, sem a pegada da guitarra.

**Victor:** Vocês tocavam apenas em Avaré ou também na região?

**Benê:** Tocávamos na região toda, em Cerqueira, Itaí, Itararé, Taquarituba e em todos esses lugares o pessoal gostava de nossas músicas.

**Victor:** Então vocês sempre eram convidados?

**Benê:** Sim, eles sempre chamavam para tocar.

**Victor:** Você acha que a Fampop foi importante para o rock da região?

**Benê:** Sim, eu participei nos primeiros anos do festival com samba canção, MPB, Pop e veio uma banda de Santos chamada "Escada Rolante" com uma música chamada Zooterapia, era um somzão! Tinha uma banda daqui, a "Asas do destino"

que eu lembro que tocaram, era um rock influenciado pelas bandas dos anos 70. Mas a Fampop nunca valorizou o rock, sempre foi voltada pra MPB.

## ANEXO C História do Rock Avereense

### Entrevista com Clóvis Antônio guerra em 13-11-2017

**Victor:** Fale sobre o Rock avareense.

**Clóvis:** A primeira banda de rock aqui de Avaré, que eu me lembre, foi Os *Stromppers* nos anos 1970, do Luizinho Peres, podemos chamar de rock, pois eles tocavam Beatles que com o passar do tempo se tornou uma banda de baile. O primeiro rock autoral avareense foi do Fruto Primeiro, banda do Juca Novaes com alguns sons baseados no rock progressivo, com influências de *Emerson, Lake and Palmer* variando para o Clube da Esquina, e acho que a música Brincando de bomba foi a primeira canção de rock feita em Avaré, feita pelo Juca Novaes e pelo Fábio Corrêa Martins, ela tem uma pegada bem *rock n' roll* e ganhou o Festival da PUC em 1981, no final da apresentação tinha um estouro imitando uma bomba, colocávamos uma caixinha de madeira com esponja de aço e pólvora com uns fios de aço, no entanto foi nesse festival da PUC que o IRA! se apresentou pela primeira vez.

Tinha também o Grupo Avaré, que eu participava como percussionista, meu irmão Cláudio Guerra era compositor junto com meu primo Zé Fernando Coelho, tinha o Altino Toledo, violinista e grande músico do *choro*, a Valéria Caran e Antonieta Geraldí nos vocais e o Fernando Caran e o Fernandinho Coelho que dividia a percussão comigo, a gente fazia festivais, mas não éramos considerados uma banda de rock, mas sim de MPB.

Já as bandas de rock mesmo, que eu me lembre, foi a Zona Proibida, lembro de um show deles no teatro municipal que eu vi o Davi, um guitarrista acima da média, tocando e nessa época também tinha o Ruínas de Pedras, com o Paulinho Gordo na guitarra, tinha o Falange Vermelha que eu produzi uma demo deles que ficou maravilhosa, era *rock n roll*. O Bruca, guitarrista do Falange, foi para Londrina estudar e acabou montando uma banda incrível chamada O Beco, tem parceria com

o Leminski, mas teve uma tragédia, eles fizeram a gravação do disco bem produzido misturando um pouco de reggae em algumas faixas, bem característico dos anos 1980 e fizeram o show de lançamento em uma boate com o mesmo nome da banda e quando terminou o show eles sofreram um acidente de carro e morreu o vocalista da banda e acho que a filha do vocalista também, e todos os discos que sobraram, mais ou menos 90% dos discos foram deixados debaixo da cama e não venderam, a banda acabou e acho que a música brasileira perdeu, depois surgiu o Cidade Negra, mas eu prefiro O Beco.

No mesmo contexto havia a Australopitecus do Maú e do Ronaldo Peres que mais tarde farão o *Universo e prosa*, e o Clã Destinos, mas o Ronaldo antes de todas essas fazia parte da Objetivo Oculto, nos anos 1980, tinha Os Diletantes voltados pra um *pop-rock*, já no início da década de 1990.

**Victor:** Qual era a relação do rock com a Fampop, no seu ponto de vista?

**Clóvis:** O pessoal do rock da cidade sempre teve uma pulga atrás da orelha com a Fampop e eu sempre discutia e brigava com os roqueiros da cidade, pois quando chegava a Fampop ao invés de se inscreverem como uma banda de rock eles queriam fazer uma coisa MPB para se adequar. Eles achavam e ainda algumas pessoas acham que a Fampop é um festival de MPB e não é, a Fampop é uma feira avareense de música popular. A Fampop quando surgiu, eu sou um dos criadores, nós tiramos o nome de Festival de MPB, que era o rótulo de quase todos festivais no Brasil inteiro. Mas por que nós fizemos uma feira? Por que a gente iria abranger todos os estilos e todas as tendências da música brasileira, podia ser rock, pop, baião, axé, maracatu, toada, ou seja, tudo o que é cantado em português. Por parte da organização nunca teve um preconceito contra o rock, nós tivemos uma grande banda de rock participando, a Dione Zika, de Araraquara, com a canção "Medo de saci".

A maior constatação de que a Fampop não tem preconceito com o rock foi a vitória da banda Varal Royal nessa última edição (2017), pois ela tem uma pegada mais rock. Eu acho que as bandas de rock deveriam pensar que a Fampop serve para mostrar o trabalho deles, não é para eles se adequarem ao festival, não importa se é *heavy metal* ou *punk*. Nós sempre tentamos achar um bom rock, mesmo eu estando afastado da organização. Sempre tinha a Fampopinha, onde as

bandas de rock apareciam mais, porém eles não eram credenciados para participar do evento maior, não sei se era por conta dos jurados, da apresentação ou porque eram apenas quatro classificados e Avaré sempre possuiu um nível musical elevado, e geralmente a galera da MPB mais purista levava a melhor até porque possuíam uma bagagem musical erudita muito elevada, como por exemplo a Lucila Novaes. Mesmo assim, dentro da Fampop tivemos apresentações históricas como a da banda Fratura Exposta em 1994, com o Alex deitando no chão e comendo uma rosa de um jeito muito *rock n roll*. Eu não tenho nenhum preconceito com o *rock*, minha base foi de *rock n roll* com o *DeepPurple*, *Pink Floyd*, *Led Zeppelin* e *Yes*.

**Victor:** Qual foi a importância da Rádio Avaré para o rock da cidade?

**Clóvis:** A Rádio Avaré sempre foi uma rádio sem preconceito, e nos anos de 1980 eu apresentava um programa chamado Frequência Rara, o Maú e o Bruca sempre diziam que foram fortes influencias para eles, e o Ronaldo Peres era meu operador de som, então quando surgiu o Objetivo Oculto e o Australopitecus eles ouviam esse programa, que por sua vez tocava muito rock como Paralamas, The Police, Arrigo Barnabé, U2, Língua de Trapo, música mineira como Clube da Esquina tocava de tudo. Pode-se dizer que a Rádio Avaré foi pioneira na repercussão do rock na cidade.

**ANEXO D**  
**História do Rock Avareense**

**Entrevista com Ricardo Câmara (Arena) em 13-11-2017**

**Victor:** Como você teve contato com o rock?

**Arena:** Foi por volta de 1984, por causa do meu pai e da minha mãe, eles ouviam Elvis, *The Platters*, bandas dos anos 1960 e 1970. Meu pai tinha uma banda de baile, de 1969, chamada Os Liberais, meu tio junto com o Flores fundaram Os *Stromppers*, nos anos 1970, que era baseada em Beatles, esse tipo de rock. Mas a primeira coisa que eu gostei na minha vida, tenho até um "LPzinho" de quatro faixas de 1984, foi Pepeu Gomes, meu primeiro ídolo e sou apaixonado por ele até hoje. Depois de Pepeu foi Raul, minha mãe ouvia muito e em 1986 juntei um dinheiro que meus pais me davam e comprei meu primeiro LP do Raul, me apaixonei, completei a coleção, via entrevistas, no entanto meu filho se chama Raul. Eu conheci o rock dos anos 1980 na década de 1990, pois existia um atraso diante a cena da época. A cena de São Paulo eu não sabia como funcionava, aqui as coisas chegavam atrasadas, por exemplo, o The Cure eu comprava após três ou quatro anos do lançamento, discos lançados em 1983, 1984 chegavam em 1989, 1990. Era assim com todos, Led Zeppelin que lançava álbum na década de 1970 eu comprava no final dos anos 1980, era difícil de achar. A não ser pelo rock nacional que aparecia na TV, eu ficava até umas dez horas da noite na discoteca e voltava para assistir *Perdidos na noite* com meu pai, pois tocava *Ultraje a Rigor*, *Legião Urbana*, *Paralamas*. Os discos de rock internacional chegavam atrasados e do rock nacional eram mais fáceis de achar. Eu também comprei discos do The Smiths com atraso, é minha maior paixão ao lado de Raul, pra mim o melhor baixista tá lá, o melhor vocalista, enfim, me lembro em 1987 eu estudava de manhã e trabalhava a tarde, comprei o disco *The Queen is Dead* do The Smiths, e na hora do almoço eu ficava ouvindo e acho que é o melhor som.

**Victor:** Você costumava comprar seus discos onde?

**Arena:** Costumava comprar na Norte Musical, que ficava na Rua Pernambuco, ele fazia um negócio interessante que era gravar os vinis em fitas cassetes, os vinis

eram caros, se um que vinil custasse cerca de 40 reais ele fazia as fitas por dez reais, ele já gravava e quando sobrava espaço na fita eu pedia para colocar o que ele quisesse, pois ele era uma forte referência musical. Também havia a Watanabe que tinha uma grande variedade de vinis e meu irmão vivia comprando lá e também tinha a Casa Hespanhola.

**Victor:** Por que você começou a tocar?

**Arena:** Em 1992 eu estava numa Fampop e o que viria a ser o Fratura Exposta estava tocando, eles tinham outro nome, não eram, bem, uma banda, tinha o baixista Luciano, muito amigo meu, no vocal era o Alex, a guitarra o Ronaldo Peres e lembro que eu gostei muito da apresentação e eu tocava nada, aí cheguei neles depois da Fampop e disse: ano que vem estarei tocando com você. Ele não acreditou muito até porque ele não me conhecia e de repente chega um cara e fala que vai tocar comigo, não deu muita bola, aí sai naquele dia da Fampop e fui atrás do Toti, um baixista conhecido na cidade, um dos melhores músicos que já vi tocar na minha vida, eu falei com ele e comecei a fazer aulas de baixo com ele e aí em 1993 entrei na Fratura Exposta.

Mas fora isso, aqui em Avaré tinha um movimento bem legal que se chamava Projeto Presente de Natal, acho que isso aconteceu nos anos de 1986 e 1987, era um tipo de gincana, eu fiz parte da equipe "Funil" e no segundo ano, da equipe "Exóticos" e juntavam-se equipes com 150 pessoas cada, eu nunca vi algo parecido em lugar nenhum, de vez em quando você encontra uns muros pintados em Avaré, era uma das provas, o pessoal se encontrava na concha acústica aí eles falavam as provas que deveriam ser realizadas no dia e durante a semana e uma delas era pintar muros para evitar pichação e era medido aquelas que pintasse mais por metro ganharia, aquela de arrecadar comida, peças de teatros, etc. E tudo o que era arrecadado ia para instituições de caridade e no meio tinha provas de música e aí surgia criança, idoso, de tudo tocando.

Naquela época tinha muita gente boa e em 1986 eu tinha 11 anos de idade e ficava "correndo atrás" do meu irmão, mais velho, aí ficávamos sabendo que a Ruínas de Pedra iria tocar, que era a banda do Marcio, eles tocavam *rock n roll*, os caras tocavam *Black Sabbath*, *Led Zeppelin*, algumas bandas surgiam, tocavam três meses e já acabava e geralmente eram os mesmos caras que montavam banda,

separavam e montavam outras. Lembro do Zona Proibida, o Australopitecus, do Ronaldo e do Maú, do Falange Vermelha, tinha banda Latitude Zero, com um show em 1987 na frente do Tiro de Guerra, mas mudaram o nome para Latitude Sete porque já tinha uma banda com o primeiro nome, o Du Javaro estava tocando guitarra e nesse dia ele tocou com o pé no cubo escorando o cabo que estava com mal contato, ele tocou uma hora com o pé ali pois se tirasse o pé, parava de tocar.

**Victor:** Qual era a relação dos roqueiros com a Fampop?

**Arena:** Para o rock entrar na Fampop era um problema sério, lógico que é um pouco de especulação, o rock não entrava na Fampop, tinha uma triagem, e naquela época pegávamos qualquer gravadorzinho e se gravava violão e voz, geralmente, e quando percebiam que era rock já não passavam, quer dizer, a gente acreditava que isso acontecia, o problema, é lógico, às vezes o rock era realmente ruim e não tinha que passar, então, nós éramos jovens, moleques e pensávamos: "Porra não passamos de novo, isso é preconceito". Pelo menos essa era a visão nós tínhamos. No entanto em 1994, foi a primeira vez que um rock passou para as finais concorrer com sons de fora, inclusive o Derico do Jô Soares e o Chico César eram jurados na edição. O Chico César saiu do banco de jurados e subiu na grade e ficou de pé, eu almocei com ele no dia seguinte, ele fez questão de falar com a gente e o Derico deu o voto de minerva para estarmos na final, tem até uma reportagem no jornal.

Era difícil gravar "rockão", tínhamos uma caixa de som que servia para tudo e vivia pegando fogo, sorte que o guitarrista Zé Luis mexia com eletrônicos e levava uns ferrinhos de solda, pois íamos ensaiar e a caixa queimava, não tínhamos microfone, os pratos da bateria estavam rachados, era precário, não tinha como deixar rock, inacreditável.

Depois de muito tempo conhecemos o Clóvis Guerra e o Marcelo Machado e achávamos que eles eram contra nós, mas muito pelo contrário, eles gostavam muito da gente e até hoje existe esse preconceito, e eu sempre digo que não, que os caras ajudam, mas na época era diferente, éramos jovens e imaturos, já superei essa fase.

## ANEXO E

### História do Rock Avareense

#### Entrevista com Kleber Daniel em 15-11-2017

**Victor:** Você se lembra das bandas de Avaré dos anos 1980 e 1990?

**Kleber:** Sim, de algumas sim. A primeira que me lembro é da Latitude Zero, que depois virou Latitude Sete, surgiram em 1988. Depois tinha Diletantes, Objetivo Oculto, Over-12, que foi minha primeira banda, surgida em 1989, Asas do Destino Do final dos anos 80 e começo dos 90.

**Victor:**Sua banda fazia qual tipo de som?

**Kleber:** Era pop rock clássico do tipo Legião, *Pink Floyd*, *Judas Priest*, *Gun's*, *The Beatles*

**Victor:** E vocês costumavam a tocar onde?

**Kleber:** Tocávamos em eventos culturais da cidade, Largo São João, Concha Acústica, também em festas de amigos Junto com outras bandas.

**Victor:** Você lembra quais os eventos que tocaram?

**Kleber:** Na Concha Acústica, tocamos em 1991 num evento chamado "Festival de Rock pela Paz Mundial", por causa da Guerra no Golfo Pérsico nossa Tocamos Over-12, Diletantes e Objetivo Oculto. Quando Rogelio Barchetti era o Secretário da Cultura, no Largo São João teve um evento em 1990 do Dia dos Pais, tocamos também com outras bandas como a Latitude Sete e Asas do Destino.

**Victor:** Esses eventos eram exclusivos do rock ou tinha outros estilos?

**Kleber:** Tinham outros estilos também como o samba, sertanejo raiz, mas o rock era o principal da época.

**Victor:** Quais eram os integrantes da Over-12?

**Kleber:** Eram Luiz Henrique Cunha nos vocais, Osvaldo Oliveira na guitarra, Jefferson Souza no baixo, Marcos Orru na bateria e eu na guitarra, *backing vocals* e também tocava teclado.

**Victor:** Qual era a relação do rock com a Fampop?

**Kleber:** Então, a Fampop sempre abriu espaço pro rock, apesar de ele ser coadjuvante dificilmente uma música com pegada de rock ganhava o festival, mas eu comecei a participar por que sempre toquei em bandas *cover* e na Fampop eu tinha como mostrar meu próprio som, que nem sempre era rock, foi a fase que comecei a diversificar o som, isso já no início dos anos 2000.

## ANEXO F

### História do Rock Avareense

#### Entrevista com Lúcio Francisco Sant'Anna (Chico) em 15-11-2017

**Victor:** Qual foi seu primeiro contato com a música?

**Chico:** Meus pais sempre gostaram de música e comentavam que eu não dormia sem ouvir Tchaikovsky e acontecia o mesmo com meus irmãos. Eu sempre gostei de música clássica e tive influência dos meus irmãos que viveram nos anos 1960 e 1960, eu sou o mais novo de seis filhos. Tenho uma irmã "porra-loca" e um cunhado hippie que foi pra Woodstock, e eles sempre ouviam *blues* e *rock*. Então eu cresci ouvindo rock clássico, *blues*, pop dos anos 1970, *grunge*.

**Victor:** Por que começar a fazer música?

**Chico:** Em 1991 eu fiz Tiro de Guerra com o Renato Sanches e Carlos Cardoso e em 1994 nos reencontramos e eles vieram com a proposta de fazermos uma banda em homenagem a *The Doors*, que se chamaria, posteriormente, Encruzilhada. Mas eu nunca tinha cantado, eles não sabiam tocar direito, era "fulera". Passado isso eu fui para Marília fazer faculdade e eu ficava indo e voltando pra Avaré, e em uma dessas idas e vindas eles marcavam churrascos que sempre acabavam em ensaio, sendo assim uma isca, mas deixei rolar. Começamos com *Creedance*, era legal, quando voltei para Avaré em 1996, o projeto começou a andar, já que eu não estava fazendo nada, comecei. Já saí duas vezes da banda por conta de brigas desde 1996, coisa de casamento.

A principal referência na cidade era as bandas Fratura Exposta e Gato Preto. Então começamos a tocar e decidimos o nome "Encruzilhada", tradução de *Crossroads*, nome de um *blues*, então começamos a tocar *blues* e *rock* dos anos 1960 e 1970, mas sempre o "lado B", portanto ninguém conhecia o que tocávamos, tinha vezes que íamos tocar em Itaí, que é uma cidade bem *rock n roll* e os caras de lá são fanáticos por *Rolling Stones*, aí quando começávamos a tocar *Stones* os caras ficavam parados pois não conheciam a música, pois pegávamos o disco mais desconhecido e a música menos conhecida ainda para tocarmos. Em 1998, nós gravamos no antigo Ferro Velho que ficava na Rua Bahia e tinha um microfone pendurado no meio e captava tudo, foi horrível, mas serviu como registro.

Na seqüência entrou outro guitarrista, chamado Everton Tonini, que hoje em dia está no Canadá, e ficou um tempo com a gente e ele era muito criativo, ele fazia um *riff* (Base de guitarra) e nós criávamos a partir daquele *riff*, então ficamos "um pouco mais profissionais". Chegamos a gravar dez músicas que nos levaram pra Fampop três vezes, até chegamos a uma final Nacional da Fampop, e não ganhamos por pouco com a música Apenas um Blues.

A partir da saída do Everton a banda deu uma desestruturada, pois ele saiu do dia pra noite, nessa época éramos cinco integrantes: O Coxa (Gaita e vocal), Everton (Guitarra), Renato (Baixo), o Carlos (bateria) e eu no vocal. Quando ele saiu nós ficamos sem estrutura até chegar o Silvio Quartucci que com uma pegada mais "vintage/clássica" depois entrou o Tiago tecladista e o guitarrista Cavini, com isso a banda ficou redonda e fomos nos profissionalizando, o Tiago era quase um músico erudito, o Cavini toca muito bem e o Silvinho idem, então a coisa foi melhorando e todos da banda foram aprendendo cada vez mais coisas, foi quando o Carlos Cardoso quis sair da banda para fazer autoral e ninguém da banda queria tocar autoral, então entrou um baterista que nem vou citar o nome por ter sido bem ruim e dispensamos ele da banda, foi quando veio o Chico Domeni para a bateria, a Magda para o terceiro vocal e um outro cara para fazer *backing* também e aí a banda ficou quase plena, aí o Tiago saiu e entrou o Binho Melenchon no teclado e deu conta. O Chico Domeni saiu e entrou o Fernandinho que deu conta e conseguimos nos estruturar. Hoje estamos retomando nosso repertório de quase cem músicas e com isso dá para escolhermos o estilo dos sons da *set list*, mas queremos um som mais pesado com algo mais nacional como Raul, Casa das Máquinas, Mutantes para dar uma mudada, pois só ficaríamos no *Classic rock* e no *blues*.

**Victor:** Como era a relação entre a banda e a Fampop?

**Chico:** Eu lembro a primeira vez que estávamos na Fampop, de quando o Juca Noaves não queria que nossa música passasse e isso gerou uma discussão com o Cláudio Guerra, que queria que nossa música entrasse. Enfim, subimos para assistir aos shows e na hora estava tocando um *manguebeat* com guitarras infernais, que beiravam ao Sepultura, eu cheguei do lado do Juca e disse: Nossa, que guitarra calma, não é? Ele olhou pra mim e disse: O que você quer dizer com isso? Eu disse que não quis dizer nada, só que a guitarra deles é calma e só a nossa era pesada,

ele fez cara de quem não gostou e saiu. A partir disso ele passou a dar uma respeitada, começou a olhar a banda com outros olhos, mas sempre tiveram certo preconceito com o estilo, tanto porque ele tinha uma reserva de mercado onde eram quatro dias de Fampop e no primeiro dia se tocava o rock, mas somente no primeiro dia, como se fosse uma forma de consolo, isso é complicado pois eles classificam o rock como ritmo internacional, gringo, só que se você for estudar Pixinguinha, os caras que começaram o chorinho, que é considerado um ritmo de essência nacional, você percebe que eles saíram do Brasil "vestidos" de uma forma, como cangaceiros tocando instrumentos específicos para tocar na Europa e nos Estados Unidos, quando voltaram eles já estavam "vestidos" quase como uma banda de jazz, tocando clarinete e sax, instrumentos estrangeiros. É difícil encontrar um ritmo puro no Brasil, talvez o Lundu, uma emboaba, mas aí você vai ter que pesquisar em um tempo muito distante e excluir a contribuição dos quilombolas deram, pois vieram de fora, se vamos ser puristas, que sejamos puristas íntegros.

O Rock é internacional? Ok! O samba também tem um pé lá fora. O rock que nós fazemos tem uma pegada de blues, mas o blues é aparentado com o samba até porque existe semelhança entre a condição dos negros de lá e os daqui. Então o nosso rock é uma releitura, colocamos a nossa realidade no rock.

É necessário ter um olhar mais carinhoso com o rock, mas os caras não têm, acham que ali – Fampop – é o mercado deles e ponto. Pelo menos na época, hoje em dia deve ter mudado, pois teve a Varal Royal ganhando como melhor música avareense.

Apesar disso que falei, a Fampop é extremamente importante, porque é uma vitrine, é muito bacana. Quando fomos nos apresentar no Botucanto, nós tínhamos um currículo, numa região tão carente desse tipo de música, ter um espaço mesmo que minúsculo dentro de um festival dessa relevância já é alguma coisa, supre uma carência. Ninguém faz arte para ficar em casa.